

Dois bons números

Em meio ao desconforto criado pela forte queda do superávit primário acumulado em 12 meses, para 4,28% do Produto Interno Bruto (PIB), o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, deu duas boas notícias. Primeiro: a conta de juros caiu de R\$ 15,5 bilhões em agosto para R\$ 10,9 bilhões em setembro, refletindo os cortes da taxa básica (Selic) iniciados no ano passado. Segundo: a relação entre a dívida pública e o PIB fechou o mês passado em 50,1% do PIB, o menor patamar desde abril de 2001, quando estava em 49,9%. A previsão do BC, porém, é de que a dívida encerre o ano correspondendo a 50,5% do Produto.

“A queda na relação entre a dívida e o PIB mostra o quanto a manutenção do superávit primário é importante para que esse indicador se mantenha em baixa. Por isso, o mercado se incomoda tanto quanto vê o superávit diminuindo e se depara com a possibilidade de o governo não cumprir a meta prometida, de 4,25% do Produto”, disse a economista-chefe da Mellon Global Investments, Solange Srouf. Num passado recente, o Brasil sentiu o peso de a relação entre a dívida e o PIB superar os 60%. Os investidores externos cortaram os financiamentos ao país, temendo a decretação de um calote. Entre os países de economia emergentes, somente a Turquia tem uma relação dívida e PIB maior que a brasileira.

Custo da mudança

Segundo Altamir Lopes, apesar do recuo dos gastos com juros em setembro, no acumulado do ano essa conta continua pesada, totalizando R\$ 121,6 bilhões, superando em R\$ 1,5 bilhão as despesas registradas nos nove primeiros meses de 2005 (R\$ 120,1 bilhões). Ele explicou que, apesar do corte de seis pontos percentuais da Selic nos últimos 12 meses, o impacto final nas despesas com juros é pequeno, pois houve uma mudança na composição da dívida pública: reduziu-se o total de títulos corrigidos pela Selic (de curtíssimo prazo) e cresceu o volume de papéis com taxas prefixadas (longo prazo).

Para comprovar a tese, mostrou que as despesas com juros da dívida indexada à Selic somaram R\$ 71,3 bilhões de janeiro a setembro e R\$ 58,5 bilhões em igual período de 2006. Na mesma comparação, os gastos com juros prefixados subiram de R\$ 25,2 bilhões para R\$ 32,4 bilhões. “Há um custo para melhorar o perfil da dívida”, disse Altamir. (VN)